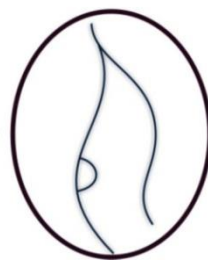




INTERFACE  
ISSN 2448-2064



---

**RIBEIRO, DJAMILA. LUGAR DE FALA. SÃO PAULO: PÓLEN, 2019, 112 P**

*RIBEIRO, DJAMILA. PLACE OF SPEECH. SÃO PAULO: PÓLEN, 2019, 112 P*

Ricardo Ferreira de Sousa  
ricardof@uft.edu.br

Aline Souza da Cruz  
aline.alicruz@gmail.com

Mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e ativista social, a autora de *Lugar de Fala*, se destaca pela atuação no debate público sobre feminismo negro na sociedade contemporânea. Djamilá Ribeiro nos presenteia com esta obra de bolso, de leitura corrida, simples e de fácil entendimento. A obra faz parte da coleção *Feminismos Plurais*, coordenada pela própria autora, cujo objetivo expressa e (re)afirma a diversidade temática e das perspectivas que atravessam a reflexão, ação política e cultural de mulheres negras que trazem em comum a insurgência subalternizadas frente aos modos de subjetivação consagrados pelo racismo, sexismo e o desafio de construção de novos imaginários restituidores da plena humanidade para todos e todas. Mas, o que é lugar de fala? Quem assume esse lugar na sociedade? Quais ideologias estão postas por trás desse conceito? Sabiamente, Ribeiro nos esclarece esses questionamentos.

O livro publicado em 2019 pela livraria Pólen, possui 112 páginas e é organizado de forma didática e acessível. O leitor terá, inicialmente, acesso a apresentação da obra, em seguida temos quatro capítulos em que a autora discorre sobre: *Um pouco de história*; *Mulher negra: o outro do outro*; *O que é lugar de fala?* e; *Todo mundo tem lugar de fala*. Ribeiro fala a partir das premissas de mulheres negras como Grada Kilomba (2012), Lélia Gonzalez (2017), Linda Alcoff (2017) e Simone de Beauvoir (1980) que discutem a construção de conceitos sobre feminismos negros.

A autora nos chama atenção ao fato de que pensar em feminismo negro é romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo, é pensar em novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade. Além disso é, também, pensar na produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos e historicamente construídas. Assim, a linguagem é entendida aqui como um mecanismo de poder – não apenas apontada como manutenção desse poder, mas de articulação política, pois nela acontece e se faz presente os dizeres do eu e do outro. O propósito desta obra, sem dúvidas alguma, não é impor uma epistemologia de verdade, mas contribuir para o debate e mostrar diferentes perspectivas.

No capítulo inicial intitulado *Um pouco de história*, Ribeiro versa sobre as questões históricas, a autora cita mulheres negras que vêm lutando para serem vistas como sujeitos políticos e produzindo discursos não-hegemônicos. Ribeiro cita Isabella Baumfree, norte americana que decidiu adotar o nome de Sojourner Truth, em 1843, em Nova York, e tornou-se um grande nome do feminismo afro que revolucionou o feminismo americano do século XIX. Truth, ao lado de outras ativistas, feministas e negras, escreveram diversos artigos sobre a invisibilidade da mulher negra e passaram a denunciar

o apagamento escancarado, de modo que esse ato procurasse evidenciar as vozes esquecidas pelo feminismo hegemônico que se falava há muito tempo, a necessidade de existir e a voz negra fosse considerada socialmente.

Mais adiante, apoiada nos ideais da feminista Lélia Gonzalez, a autora discute a perspectiva epistemológica eurocêntrica e critica a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população. Ribeiro e Gonzalez enfatizam que o racismo se constitui como uma ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal). As reflexões de combate às desigualdades, de enfrentamento ao capitalismo patriarcal e de buscas por novas formas de ser mulher (reconhecidas intelectualmente e possuir direitos iguais), somam-se ao pensamento da panamenha Linda Alcoff, que defende que certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas. Isso implica para o fato de afirmar que determinadas instituições fazem uso das identidades para oprimir ou privilegiar determinados grupos.

Em suas proposições presentes no capítulo *Mulher negra: o outro do outro*, a autora questiona a comparação e o pertencimento da mulher tida como objeto do homem, ou seja, a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e por meio do olhar do homem. Nesse sentido, para Simone de Beauvoir desde os primórdios, a mulher foi construída como o *Outro*, submissa, impedindo-a de ser *para si* e *em si*, com base no conceito ontológico de sujeito proposto por Sartre. Diante dessa reciprocidade, a francesa Grada Kilomba aponta que a mulher negra é o *Outro do Outro*, pois na visão da filósofa não há reciprocidade para a mulher, ela é sempre vista num lugar de subordinação, como o outro absoluto, bem como a afirmação de Beauvoir se aplica para um modo ser mulher, no caso, a mulher branca. As análises realizadas por Ribeiro no decorrer desse capítulo, nos apontam que quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida, logo, seria um movimento político, intelectual e de construção teórica e prática de mulheres negras para promover uma mudança social de fato.

No capítulo *O que é lugar de fala?* Ribeiro destaca a importância do caminho percorrido para elucidar o entendimento acerca do que é lugar de fala bem como o entendimento do sentido da palavra discurso como ferramenta de opressão e dominação. Ribeiro discorre ainda sobre a utilização do termo *Lugar de Fala* em discussões acaloradas em redes sociais, que acabam por dar uma conotação superficial ao termo e a críticas sem embasamento. Além disso, no âmbito da Comunicação, seja de jornais populares ou de referência, o termo é utilizado como instrumento teórico-metodológico para materialização dos objetivos.

Ribeiro enfatiza a imprecisão da origem do termo *Lugar de fala*, em contrapartida destaca que a partir das teorias feministas é possível falar de lugar de fala, embora sejam diversas as perspectivas de compreensão. Ademais, aponta que lugar de fala não pode ser reduzido às experiências individuais, sem diminuí-las obviamente, visto que é uma discussão estrutural engendrada na cultura de dominação e exploração. O lugar social que o indivíduo ocupa também não indica consciência do que é lugar de fala, o fato de ser negro não significa que a pessoa reflita sobre racismo, por exemplo. Dentre as pessoas citadas por Djamila Ribeiro, que desestruturam o *status quo* vigente por dar voz aos silenciados, Conceição Evaristo se destaca na cena literária contemporânea com sua narrativa pautada na representação e voz da mulher negra feminina e pobre, com discursos que contrariam as representações canônicas das mulheres negras objetificadas.

O capítulo *Todo mundo tem lugar de fala*, que finaliza o livro, e não a discussão sobre o assunto, destaca a responsabilidade que tem o sujeito do poder, pessoas que ocupam lugares privilegiados e que possuem visibilidade possam debater sobre as causas dos subalternos, uma vez que pensar e debater lugar de fala é uma postura e posicionamento ético.

Há a tentativa de silenciamento das vozes que desvelam a realidade vivida pelas minorias em representatividade, a execução da vereadora Marielle Franco, em março de 2018, é um claro exemplo do empreendimento existente comprometido em combater e rechaçar essas pessoas em seu lugar de subalternidade. Entretanto, Ribeiro assevera que todo mundo tem lugar de fala, e que é possível trazer

à discussão e reflexão qualquer assunto da sociedade e desestabilizar as estruturas hegemônicas e vislumbrar novas possibilidades de existência.

Como vimos, nesta obra foram pontuadas as seguintes palavras-chave: negritude, feminismo, epistemologia, racismo, poder, mulher, entre outras; elas, palavras que surtem efeitos de sentidos ideológicos, que constituem lugares de fala na sociedade, do oprimido e do opressor, do negro e do branco, do rico e do pobre, do escolarizado e não escolarizado, que sob diferentes perspectivas a intenção é a mais nobre: ter valor e fazer-se presente. Nesta obra, não somente mulheres negras e feministas são contempladas pelas reflexões da autora, mas também negros, indígenas, gays, lésbicas e todas as outras pessoas que se sintam contempladas com a temática, que se vêem silenciadas, que se sintam oprimidas, que não possuem voz no ceio familiar, no grupo de amigos, no trabalho, na escola, na universidade e nos mais diversos espaços da sociedade pós-moderna, sociedade esta que se tornou machista, racista, homofóbica, preconceituosa, que exclui, intimida e assassina o outro. Àqueles que interessam, essa maravilhosa obra de Djamila Ribeiro é uma fonte do saber, inteligente e somativa para a vida do bom leitor (expectador-pesquisador).

A obra *Lugar de fala* representa o ponto de partida, para muitos de nós, sobre teorização e representação de questões diluídas no cotidiano que oprime, silencia, subjuga e contribui na elevação de índices de violência e morte. Entender e discutir lugar de fala faz nascer um sentimento de poder desvelar a realidade, dar voz e autonomia aos sujeitos, as minorias, e além disso entender que somos sujeitos primordiais para fomentar a mudança e ressignificar a existência.

## **Referência**

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019, 112 p.